

M

Orquestra Académica Metropolitana

Ludwig van Beethoven

Prémio
Fundação INATEL
2023



DOM
21 MAI
15H30

SEDE DAS
COLETIVIDADES
MOITA DOS
FERREIROS
LOURINHÃ

Obras de
Beethoven
Françaix

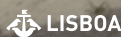
Jean-Marc Burfin
Débora Andrade *
Pedro Afonso *
Direção Musical

* Alunos de Direção de Orquestra da ANSO

Guilherme Duque
Clarinete
Vencedor do Prémio
Fundação INATEL 2023



FUNDADORES



MECENAS



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



PARCEIROS MEDIA



Ludwig Van...

DÉBORA ANDRADE DIREÇÃO MUSICAL

Aluna de Direção de Orquestra da Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Abertura *Fidelio*, Op. 72 (1814)

(duração aproximada: 7 min.)

JEAN-MARC BURFIN DIREÇÃO MUSICAL

Jean Françaix (1912-1997)

Concerto para Clarinete (1967-1968)

(duração aproximada: 24 min.)

I. *Allegro*

II. *Scherzando*

III. *Andantino*

IV. *Allegro*

PEDRO AFONSO DIREÇÃO MUSICAL

Aluno de Direção de Orquestra da Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)

Ludwig van Beethoven

Sinfonia N.º 8, em Fá Maior, Op. 93 (1812)

(duração aproximada: 25 min.)

I. *Allegro vivace e con brio*

II. *Allegretto scherzando*

III. *Tempo di minuetto*

IV. *Allegro vivace*



A Abertura *Fidelio*

Ludwig van Beethoven compôs quatro aberturas para a sua ópera *Fidelio*: as três aberturas *Leonore* (I, II e III) e a abertura *Fidelio*, a versão definitiva. Esta é bastante diferente das anteriores, pois não procura antecipar a intensidade dramática dos dois atos que se seguem. Nesse sentido, aproxima-se do estilo de Rossini.

Fidelio é o título da única ópera que Beethoven escreveu. Situa a sua ação em finais do século XVIII, na cidade

de Sevilha, e conta uma história de amor passada em torno de uma prisão de presos políticos em que um nobre virtuoso permanece recluso e condenado a morrer lentamente de fome. Para além da evocação do Amor – a força redentora que coincide na maior parte dos libretos líricos – esta ópera destaca-se pela mensagem ética, pela vitória dos ideais de libertação tão próprios daquele período pós-revolucionário. Embora não fosse comum Beethoven alterar as partituras após as fazer tocar em

público, a peça orquestral que dá início a *Fidelio* mereceu do compositor sucessivas e profundas transformações. Por isso, a abertura deste programa, hoje conhecida por *Fidelio*, é diferente daquela que foi estreada diante de oficiais franceses a 20 de novembro de 1805, em Viena. Data de 1814 e é, entre as quatro, aquela que costuma ser tocada quando se apresenta a ópera por inteiro, em versão cénica.



Jean Françaix

O Concerto para Clarinete de Françaix

Para apreciar plenamente o Concerto para Clarinete de Jean Françaix, é bom saber que se trata de uma das obras mais difíceis alguma vez escritas para este instrumento. Não é que o virtuosismo garanta, por si só, um bom resultado artístico. Porém, quando é colocado ao serviço de um discurso coerente e expressivo, como acontece neste caso, produz um efeito distintivo.

Este concerto foi escrito há pouco mais de meio século. Nessa época, foi considerado por muitos especialistas como praticamente «intocável», ao ponto de lhe renunciarem a necessidade de esperar por significativos desenvolvimentos técnicos do instrumento para se tornar frequente

nas salas de concerto. Em boa medida, isso deve-se ao facto de ter sido escrito para um grande clarinetista, Jacques Lancelot. O seu virtuosismo, aliado a uma sonoridade límpida em todos os registos, fizeram deste músico uma das principais referências do clarinete na segunda metade do século XX. Percebe-se, assim, que a interpretação deste concerto seja hoje considerada pelos jovens clarinetistas virtuosos como um desafio irresistível; uma verdadeira oportunidade de afirmação. De origem francesa, Jean Françaix foi um compositor e pianista que morreu em 1997. É hoje um nome praticamente desconhecido para a maior parte das pessoas, isto apesar de ter composto centenas de obras de grande qualidade. Não foi seguramente um

músico que tenha apresentado soluções inovadoras ao mundo da criação musical; o recurso às formas tradicionais da música clássica é uma das principais marcas da sua identidade criativa. Porém, cultivou uma estética genuinamente pessoal em que as referências «emprestadas» de outros tempos e de outras realidades se diluem numa linguagem própria, indiscutivelmente sua. Nesta obra ressaltam duas das suas principais características enquanto compositor: o extraordinário domínio dos recursos da orquestra e a forma como sempre procurou conhecer profundamente os instrumentos para que se propôs escrever.

A Pequena Sinfonia de Beethoven

Foi Beethoven quem chamou de «Pequena Sinfonia» à Oitava, referindo-se eventualmente à monumentalidade das sinfonias que a rodeiam, a Sétima e a Nona. Também é certo que, a par da primeira, é das mais curtas sinfonias que escreveu. Aparentemente, retomava uma postura mais clássica nas sinfonias de número par, pelo que alguns defendem que dava um passo à frente nas sinfonias ímpar para recuar de seguida. Todavia, a Sinfonia N.º 8 resulta enganadora. À medida que avança, revela toda a maturidade artística do compositor alemão.

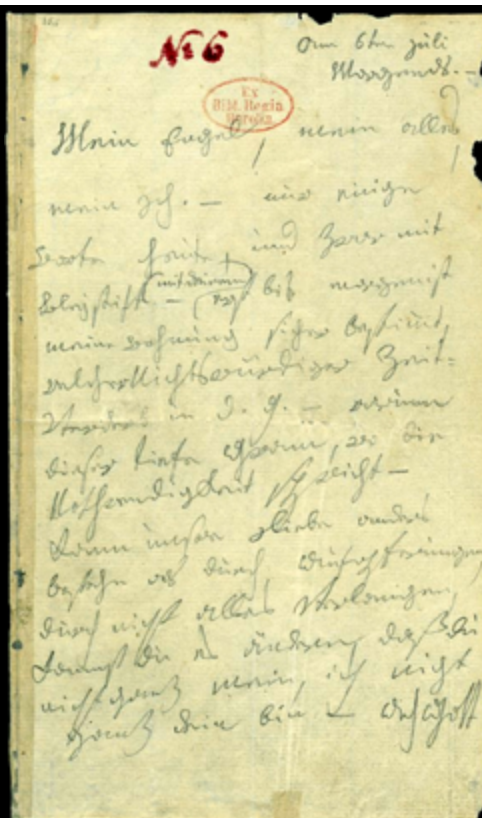
Completada em 1812, a Oitava Sinfonia só foi estreada a 27 de fevereiro de 1814, na Antiga Universidade de Viena. Nesse concerto, também se tocou *A Vitória de Wellington* e foi reposta a Sétima Sinfonia, que havia sido estreada na mesma sala em dezembro do ano anterior. Não foram só os outros compositores que sofreram a comparação com as mais imponentes sinfonias de Beethoven. Também o próprio se viu prejudicado por essa razão. Após o enorme sucesso da Sétima, estando ainda presentes as memórias da Terceira e da Quinta, a «Pequena Sinfonia» não suscitou aclamação imediata do público. Mas a primeira reação pode ser

enganadora. De aparência lúdica, é uma obra que esconde uma grande dose de experimentalismo. Sem excessos, com espírito sintético, quase deixa as ideias por concluir. Aparenta focar-se, sobretudo, em elementos técnicos e formais, indo ao encontro dos modelos dos seus antecessores, pelo que muitos entendem esta sinfonia como um retrocesso, já que em diversos momentos se reconhece o estilo de Haydn. Pois, não será assim. Parece haver um exercício de abstração por parte de Beethoven, quase como uma evasão dos incómodos da existência.

Inusitadamente, os primeiros compassos logo revelam a maneira como termina o primeiro andamento, pois começa e termina exatamente com a mesma música, após um epílogo de dimensões quase desproporcionadas. Ao longo deste andamento, surgem silêncios inesperados, sequências harmónicas surpreendentes, ruturas abruptas numa orquestração opulenta placidamente interrompida por agrupamentos pequenos, como se estes pretendessem anular a consumação de um clímax. Há uma permanente contenção que garante a diminuição da intensidade expressiva. A ausência de um andamento lento é, a este respeito, sintomática. O segundo

andamento é um *Allegro scherzando* que, estruturalmente, resulta num *intermezzo* que liga o primeiro e o terceiro andamentos. Não é lento nem extenso, como se esperaria de um segundo andamento de uma sinfonia de Beethoven. Já o terceiro andamento, que retoma o velho Minueto, abandona o registo jocoso, com uma disposição lírica e transparente que quase parece pertencer a outra sinfonia. Por vezes, aparenta manipular com ironia o padrão rítmico dançável do Minueto. O *Finale* transpira jovialidade. O início leva a crer que se prepara algo cerimonioso. Porém, a orquestra logo irrompe provocadoramente. Sem grandes melodias, apresenta-se um discurso atomizado em que a orquestra se desintegra progressivamente. As combinações instrumentais evoluem ao longo do tempo, como se fossem a essência de tudo o que acontece. Há lugar a pausas dramáticas e a uma Coda de contornos inesperados. Em vez de logo rematar, deambula por «questões» que ficam, naturalmente, por responder.

Textos de Rui Campos Leitão



Jean-Marc Burfin Maestro Titular

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Estrasburgo e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburgo, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário

internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays

de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

Orquestra Académica Metropolitana

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abarcando um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osiris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente temporada tem

agendados quatro programas diferentes, participando ainda nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.

FLAUTAS

Luís Marto
Catarina Silva
Beatriz Marques
Hélio Santos

OBOÉS

Rodrigo Marques
Rita Carneiro
Salomé Tomás
Adriana Santos

CLARINETES

Rui Nunes
Beatriz Castro
David Dias
Diogo Silva

FAGOTES

Roberto Arcãleanu
Joelson Avelino
Miriam Cunha
Bárbara Rosado

TROMPAS

César Luís
Ivan Branco
Tiago Nunes
Rodrigo Jordão

TROMPETES

Alexandra Moita
Leonel Cardoso
Rui Gil
Joana Almeida

TROMBONES

António Manso
Tomás Gonçalves

TÍMPANOS

Tiago Rocha

PERCUSSÃO

Duarte Pacheco

1.º VIOLINOS

Leonardo Martins
José Ribeiro
Nuno Rodrigues
Cíntia Sebastião
Diogo Mateus
Ana Massacote
Luísa Semedo
Catarina Lobo
Rita Almeida

2.º VIOLINOS

Francisco Costa
Carolina Correia
Xavier Pereira
Inês Nogueira
Filipa Braamcamp
Carolina Pardal
João Martins
Lia Nascimento
Kim Serote²

VIOLAS

André Teixeira
Sara Valentim
Vladimira Plugaru
Camille Estêvão

VIOLONCELOS

Beatriz Correia
André Santos
Sara Oliveira
Inês Coelho
Catarina Alves

CONTRABAIXOS

Guilherme Reis
Rita Hipólito
Gonçalo Pereira¹



Jean-Marc Burfin © David Rodrigues



© Marcelo Albuquerque/queitana

METROPOLITANA

Diretor Executivo Miguel Honrado
Diretor Artístico Pedro Neves
Diretor Pedagógico Yan Mikirtumov
Diretora Administrativa e Financeira Fátima Angélico

Fundadores



Ministério da Cultura
Ministério da Educação (representado pelo SE Adjunto e da Educação e pelo SE da Juventude e Desporto)
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo

Mecenas



Promotores

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal da Lourinhã
Câmara Municipal do Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

Parceiros em 2023

Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



Patrocinador das Bolsas de Estudo ANSO



Patrocinador Principal



Patrocinadores



Parceiros Media



Parcerias

São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa | Museu Nacional dos Coches | Museu Nacional da Música

www.metropolitana.pt

facebook.com/metropolitanax | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela produção. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

Próximos Concertos

Três Concertos

SEX. 26 MAI. 21H30 TEATRO AVEIRENSE
SÁB. 27 MAI. 17H00 PICADEIRO REAL DO MUSEU NACIONAL DOS COCHES

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Violino: **José Pereira**
Maestro: **Pedro Neves**

Obras de **Joly Braga Santos, António Chagas Rosa e Ligeti**

Concerto para Orquestra

SÁB. 17 JUN. 17H00
AULA MAGNA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Orquestra Sinfónica Metropolitana

Maestro: **Emilio Pomarico**

Obras de **Ligeti e Bartók**

BILHETES À VENDA (Picadeiro Real) - 15€

TICKETLINE e locais habituais Reservas e Info: relacoespublicas@metropolitana.pt

ENTRADA LIVRE